



Semanario Monarquico-Integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da J. M. Integralista local
Redacção e Administração:
AVENIDA DO COMERCIO



Director, D. José Ferrão
Administrador e Editor, Domingos F. Guimarães
Secretario da Redacção, M. A. d'Oliveira
(a quem deve ser dirigida toda a correspondencia)

Composto e impresso na TIPOGRAFIA TIRSENSE
Rua Sousa Tropa, 49—SANTO TIROSO

O resurgimento integralista

O—Pacto de Paris—que poderia ter sido a
::: nossa morte e foi a nossa redenção :::
—Ideias e homens—Restaura-se a digni-
—dade do pensamento político—A Europa:
::: dá-nos razões de boa esperança :::
::: ::: — ISTO VAI, POR DEUS! ::: :::

Vai quasi fechar-se um ano depois que a amarga hora do —Pacto de Paris— tão tristemente soou para os destinos da causa sagrada do resurgimento nacional. Momento tremendo de suprema desesperação que esse foi. Parecia que a negra sombra da Duvida ia entenebrecer até aos recantos mais intimos do nosso pensamento nacionalista e monarchico.

Recorda-lo, ainda hoje, é sentir os nervos amarfanharem-se sob o golpe fundo duma grande desgraça.

Que nos restava então diante do naufragio completo, diante do desastre consumado que boiasse á tona d'agua e a que se pudesse abraçar a nossa esperança? Nem á propria illusão parecia poder caber outro sentido que não fosse o de pleno absurdo... E, no entanto, tal é a força inabalavel da verdade, o Integralismo não morreu.

Debalde a sua liquidacão foi descontada como certa pelos velhos profetas da velha traça liberalista. Não se mata porem uma Ideia quando ela **serve** a nação. Liquidem embora os homens que lhe fazem guarda d'honra... A Ideia, permanece, resiste ao vendaval dos tempos e, cedo ou tarde, vem a triunfar pela mão segura da Providencia. A Ideia que serve a Nação é uma Ideia eterna. Quando por ventura se apaga o seu brilho na escuridão duma noite de catastrophe nacional vai ela então viver humilde e oculta uma misteriosa vida em **potencia** no coração das gerações nostalgicas e acabrunhadas. Mas logo a primavera virá em que a semente germinando rapida se transmutará gloriosa numa floração resplandecente e victoriosa.

Assim, o Integralismo não morreu. E o momentaneo recolhimento sobre si proprio que o —Desastre de Paris— tristemente lhe causou foi afinal um estadio de fecundas promessas nascidas da meditação serena dos homens e dos acontecimentos que mais confirmou a suprema verdade da sua fé.

O—Pacto de Paris—que foi o nosso calvario amargo e poderia ter sido a nossa morte politica foi em definitivo a nossa redenção. Atravez das suas primeiras consequencias de desanimo e de tristeza escoaram as deserções daqueles que engrossando falsamente a nossa hoste nos davam motivo a illusões fatais para a boa manobra. Depurados, livres dos tímidos, dos descrentes, dos que a ambição precipita e dos

que o interesse pessoal aconselha—eis-nos outra vez unidos e em marcha pelo caminho da victoria.

Em boa hora. Em boa hora o nosso resurgimento alvorece. Dão-nos inteira razão os acontecimentos. Justifica-nos plenamente a marcha da Europa.

Atraz de nós desaba o velho edificio que a illusão e o orgulho dos homens vãmente construiu como um castelo de cartas... Agonizam as velhas ideologias. Baixam ao túmulo os seus derradeiros servidores. Liberdade, Democracia, mentiras doiradas que se demudaram hoje em ídolos sanguinários, decrepitos e maus. Mortos, não deixarão na lembrança dos homens outro traço que o da sua eterna repulsa.

O crime de 89 está vingado. A derrocada dos princípios é maior ainda e mais funda que a derrocada material da Europa a que eles nos conduziram por sua mão nefasta. Os princípios, a Doutrina de morte de Revolução, liberal ou democrata, são hoje para toda a gente culta e nacionalista razão do seu mais justificado odio. Os princípios... Os homens não interessam, pobres pigmeus que os acontecimentos arrastaram na louca correria dos destinos.

A critica historica marca hoje este triunfo da intelligencia; longe vão os ecos das grandes lutas liberalistas em torno dos homens-ídolos, em torno das personalidades-ficção, pobres encarnações de vaidade a quem nós emprestavamos a auréola...

Hoje, a Ideia retomou o seu papel imortal no tablado da vida humana. Só por ela nos batemos com consciencia e justiça. E' a Ideia que move o mundo.

Alegremo-nos nós os nacionalistas pelo bom caminho que o Mundo parece levar. Restaura-se a dignidade do pensamento humano. Restaura-se a Intelligencia.

Mussolini é um argumento definitivo. Os homens da *Action Française* são descreveis razões de fé nacionalista. Dum modo geral a Europa renasce para a *nova ordem*, para a ordem organica, activa e sempre renovadora. Das eleições inglezas ao renascimento espanhol das novas gerações, passando sobre o admiravel alvorecer dos nacionalismos da Europa Central e Balcânica, o velho continente transforma-se, resurge... A velha ordem, estatica, pódre, negativa e decrepita, morreu.

Que admira agora que aqueles que outra concepção da ordem não tiveram nem puderam ter se sintam verdadeiramente deslocados sob o terreno movente do novo Mundo?

Que admira a critica situação da geração que para aí se morre impenitente e limitada deante da transformação profunda a que assistimos nesta hora de extranha renovação e que só um criterio novo póde largamente entender? Que admira ainda o espanto dessa velha gente egoista e interesseira, individualista e sectaria deante dum fenomeno tão admiravel como é este do resurgimento integralista — quando todas as *velhas* condições dos movimentos politicos parecem contra nós, quando somos para o seu criterio antigo contradicção viva do que eles convencionalaram como Politica?

Guerra aos partidos, clamamos nós. *Abaixo os partidos — viva a nação* —, tal é a fórmula que nos serve de bandeira. Póde por ventura haver maior negação do passado que para aí morre?

Facções, *coterias*, partidos tais são os dados fundamentais dum regime constitucional. Guerra civil, divisão incessante e fatal das forças que constituem uma nação. As consequencias desse jogo macabro mostram-se hoje largamente nas ruinas ensanguentadas da Europa. Por isso nós condenamos esse passado de cem anos de reinado do absurdo.

Queremos viver!
A nossa liberdade individual sacrificamo-la gostosamente sobre o altar sagrado da Patria. A nossa vida é da nação. Queremos viver!
E, só se *vive* quando a nação é *viva*.

Espirito de partido, vaidades, orgulhos, ideologias doiradas, simpatias sentimentais tudo calcamos alegremente diante da imagem da Patria martirizada.

E' esta a religião de sacrificio do integralismo devotado ao interesse nacional.

As boas vontades e a extraordinaria fé dos que acodem ao nosso novo apelo são o peñhor sagrado do *elan* necessario, do *elan* indomavel com que se conquista o direito á victoria.

E agora, em frente que *isto vai*, isto ha-de ir por Deus.

Rollão Preto.

Conego Moreira Junior

Conforme noticiamos, o cléro deste Arciprestado celebrou na passada quinta-feira solenes exequias por alma do saudoso professor e venerando Arcipreste sr. dr. Conego Manuel Moreira Junior, que estiveram muito concorridas.

Que aos olhos do Povo a defesa da república se não possa confundir nunca, numa hora que seja, com a defesa da Nação!



PRECE LUSIADA

*Pede ao Senhor por mim devotadamente,
O' minha Mãe de falas de Esperança!
— Lindos bens me legaste humildemente;
Que Ele cuide e proteja a minha herança...*

*Inundas de luar minha alma ardente,
Que de muito sentir quasi te alcança;
Ha lá maior prazer para quem sente,
Senhora que me encantas a lembrança!...*

*O' minha Mãe, ó coração amigo,
Excitado me fiz, por Deus me obrigo
A dar á Terra o bem de tanto mal;*

*E Deus abranda a triste caminhada...
— O' minha Mãe, ó Sempre-abençoada,
Rezemos pelo bem de Portugal!*

NOVAIS TEIXEIRA.

A Grande Guerra

De la Barre de Nanteuil: A restauração da Monarquia não é simplesmente o Peder restituído ao Rey, mas a restauração de todas as leis fundamentais de povo.

Estremecimentos profundos, de pesadelos indefinidos, sacodem os vastos espaços da infinda imensidade; densos pavores, de medos occultos, atravessam a vacuidade perenal da vida passageira; confusos emudecimentos, de atonitos espantos, espalham-se nas sombras indecisas das formas incompletas.

Terrores suspensos povoam o mundo amedrontado, a estremecer em vibrações terriveis de tetricas visões incertas, e vagas continuas de sonhos espectrais perpassam, a acabrunhar perplexas impressões de indizível compleição.

Na amplidão e nas cousas vaga ignoto turbilhão de temores convulsos em misteriosos tufões de calafrios de horror!...

Um mundo que se queda, pallido e estarecido, vacillando ante fenomenal açoute que o fustiga com o tremendo Nada que o geou nas mãos de Deus.

Momento solene do silencio absoluto!...

De repente... um louco cavalgar de trovões tremendos desperta o largo longôr da distancia infinita, e em potentes sons de clamores lancinantes estalam gigantescas hecatombes de convulsões impossiveis. E logo formidaveis ciclones bravios, de pardas agonias sedentosas, de crescentes horrores espumantes, de tragicos martirios sangrantes, impellidos por colossais forças occultas, abruptos e fulminantes, tumultuarios e pavorosos, turbilhonarios e sinistros, se despenham dos perpetuos misterios, rolando em fragores macabros, embalados em vuleões hediondos, ferocinando-se em cataclismos for-

midandos, a acordar no assombro dos ecos o brado portentoso — A Grande Guerra —, reboando lugubrememente a estarecer o Mundo, a abalar a Terra, a evolvar uma Era.

A hora grave soando a afirmação exuberante das Verdades Eternas, em amargas realidades a abaterem-se, rudes e inexoraveis, sobre os povos ainda imersos em presunçosas harmonias homodeificas, patenteando-lhes, em abundancias tormentosas, a perfeição vã do Progresso utopico, na mais estrondosa flagrança condenatoria.

A vida suspende-se, a alma confrange-se, o espirito ofusca-se.

A impressão terrivel desaba violenta. E o Ser desvaira em procura dum amparo que lhe carrile o espirito, dum consolo que lhe beije a alma, dum vigor que lhe ressuscite a vida.

A onda crescida em tresloucadas filosofias que cae na hora decisiva!... tal como os mundos abandonados das influencias que guiam seus giros encantados, a projectarem-se nos vacuos semfim, chocando-se em fragores dilacerantes, esfumando-se vencidos enfim.

O suplicio indefinivel da expiação triturando o Eu suspeito, na iluminação ascendente das pujanças sacrosantas que pisou alvar e sacrilego, empurrando-o implacavel, em busca do seu desconhecido Altar da Patria, a remir-se duma culpa longa na provação duma confissão que tambem é longa.

Uma Era que tomba a esvaír-se onde nasce o beijo formoso da Saudade e Esperança que aureola

a frente altiva e nobre da Patria. O presente, estagnador e baciato, facheando-se ante a Cartilha estremecida das nacionalidades vigorosas — a lição do passado como facho do porvir, qual bússola do nauta em mares de tormentas. A cosmopolita democracia, rechaçada, descendo aos sepulcros nomadas ante as Sombras dos Mortos na imposição sempiterna da imposição das Raças.

A hora santa da contrição, da ascensão!...

A Grande Guerra!... A Grande Guerra!...

Sangrentos pelagos de insondáveis suplicios, cemitérios vastos de carnificinas ferozes, dores caudalosas a tremorem entre angustias contorcidas, ingentes holocaustos alteando berços natais, sagrações da terra realçando florescências de Deus.

Tempestades furibundas em imprecações raivosas despedaçando a bandeira visionaria da Humanidade delicada onde se pretendia viver a permanente protelação do extravasamento de inatos interesses antagonicos que terrona gente abriga no cachoar da imperfeição impenitente.

Avalanches monstruosas de assombros ineditos continuamente a crescerem na afirmação indomável duma vinculação maior da Raça em sua tradição, da Inteligência em sua magestade, de Deus em seu misticismo.

Escarceus revoltos de calamitosas assolações gargalhando das veleidades falazes da eterna fragilidade humana, a rolar sempre na senda inevitável dos Destinos invencíveis, numa subversão ou elevação moral por decadência ou ascendência racial.

A Grande Guerra!... A Grande Guerra!...

A hora suprema das tradições heroicas acordando as energias seculares na sublimação divina —

Mortos a pé!...
— a voz dos tumulos para bem dos vivos no éo dos vindouros.

Ponte e Sousa.

(Do livro «O anatema da Flandres», em prep.)

"Nação Portuguesa,"

O brilhante semanário Vila-realense «A Realeza» tem vindo, numa série de excelentes artigos, demonstrando as verdades que orientam os princípios do Integralismo Lusitano. Ha dias, como já tivemos ocasião de nos referir, foi o nosso presado amigo e colaborador sr. Euclides Portugal que num belo artigo demonstrou todos os males que a Democracia, e portanto o liberalismo, desencadeou sobre a nossa Terra.

No numero relativo a 8 de Abril é Carlos Ariel que, nos termos que passamos a transcrever, se refere á excelente revista doutrinaria «A Nação Portuguesa» porta-voz das doutrinas do Integralismo Lusitano. Excelente serviço está prestando á Verdade Monárquica o nosso presado colega da capital trasmontana, pelo que, deste cantinho minhoto de tão honrosas tradições, manifestamos a «A Realeza» toda a nossa gratidão de monarquicos irredutivelmente integralistas.

Ouçamos, pois, Carlos Ariel:

«Apoz alguns anos de suspensão, reapareceu esta revista de filosofia política e cultura nacionalista, o mais importante porta-voz das doutrinas do Integralismo Lusitano. E nada mais grato ao meu coração de portuguez e á minha intelligencia continuamente ávida de fecundos ensinamentos do que a reaparição desta revista onde se fala a boa e portugueza linguagem da verdade. Reapareceu ha alguns mezes a *Nação Portuguesa*, e não obstante existirem por esse paiz fóra muitos órgãos monarquicos,

creio que muitos poucos a ela se têm referido. Anda no caso, como o leitor calculará, uma grande cabala de silencio. Mas a revista vai seguindo avante, mercê da sua intrinsicca superioridade, que só cegas más vontades podem impugnar.

Dirige a *Nação Portuguesa* a alta competencia do Dr. Antonio Sardinha, cercado de toda uma élite môça do pensamento; e, ao contrario de todas as élites, cujo prazer consiste em inventar ou em sancionar deliquescencias, a élite do Integralismo Lusitano compraz-se em pugnar por uma sã moralidade, construindo dentro dessa moralidade a mais bela obra que ainda preocupou a mocidade portugueza — o *reaportuguesamento* de Portugal.

Pelejando denodadamente pela restauração da monarchia das tradições, os nobres e inteligentes guerrilheiros do Integralismo dão nos nossos dias, e de ha muito, a mais fecunda lição de civismo que é dado imaginar, e que só não é devidamente apreciada por aqueles que se habituaram, a fazer da intelligencia, não uma alavanca a favor do progresso da Patria, mas um motivo de malabarismos re-creativos ou um estratagemma para alcançar benesses e sinecuras. Nada mais belo do que uma nobre e esclarecida intelligencia ao serviço desinteressado da Patria! Por isso eu admiro a pleiade deste môços integralistas, destes construtores perseverantes de Portugal ressurgido por suas proprias virtudes e valores, destes campeões apaixonados da Ordem, da Intelligencia, do Trabalho, do Sindicalismo Organico! Como eles eu creio que o solar da Raça só poderá ser reconstruido quando um intelligente e intransigente nacionalismo animar o nosso monarchismo! Como eles eu creio que Portugal só poderá volver ao seu prestígio e força moral antigos quando se repudiarem todos os enxertos que atrofiaram o nosso sangue, todos os sofismas que corrompem o genio nacional! Sim, creio como eles, que um dos primeiros passos, e o mais importante, para o ressurgimento de Portugal consiste em reconduzir a sociedade portugueza ao ambiente antigo de fortes moralidade, pondo de parte toda as falaciosas miragens do liberalismo, o maior fomentador da dissolução.

E-me, pois, muito grato saudar, embora tarde, a *Nação Portuguesa*, desejando-lhe que, como até aqui, continue a terçar armas pela Verdade Nacional, desdenhando as más vontades e as insidias dos *interesses creados*.

Carlos Ariel refere-se á forma como certos jornais, intitulados *órgãos monarchicos* se tem portado para com a «Nação Portuguesa» não lhe fazendo sequer a menor referencia. E' que, para certos *órgãos*, não convem a difusão dos principios integralistas, pelo que promovem á sua imprensa a campanha do silencio. Por aqui se pode julgar do *apregoadado respeito por todos os principios*. E' que, para muitos, a restauração da Monarchia não compreende uma reforma total dos nossos costumes anteriores a 5 de Outubro, mas sim a continuação do mesmo *gáchis* politico, com toda a alcavala de politiqueiros e caciques.

São esses, pois, os *interesses creados* que, diz muito bem Carlos Ariel, se devem desdenhar.

Continuem os illustres colaboradores de «A Realeza» a sua propaganda da Verdade Monárquica. Prestarão assim os mais relevantes serviços ao reaportuguesamento de Portugal, á nossa Resurreição.

A Carlos Ariel e á «A Realeza», as nossas saudações muito sinceras.

A morte de Sarah

A esta thebaida em que ora vivo ancioso de nobres emoções e nostalgico de beleza d'outrora chega-me a noticia da morte daquela que foi a mais genial mulher de teatro, não só dos ultimos 50 anos, mas de todos os tempos: Sarah Bernhardt. Eis uma noticia que me deixa doridamente estupefacto, como se do alto ceu tivesse caído, fragorosamente, um radioso astro de luz, uma estrela dileta, e tudo envolvesse em aziaga escuridade. Sofro de pensar que ela morreu e comigo sofrem, nesta hora, todos aqueles para quem a Arte é qualquer coisa alta além da Vida, empolgante misterio revelado...

Não seria melhor poupar uma magua universal, iludindo os homens, esquecendo acinte este trespassse de uma vida de arte soberanamente emotiva, divinamente proteica?!... Ou então não seria melhor viver em plena serra, longe, muito longe da confrangedora voz do mundo, alheados de todas as dolorosas efemerides?!...

Morreu Sarah Bernhardt, a Imaginifica...

Passa pela minha imaginação, num relance, toda a maravilhosa teoria das creações genialissimas de Sarah: Macbeth, Theodora, Magda, Tosca, Théroigne de Méricourt, Phedra, Joana d'Arc, Doña Sol, Urelissinde, Iséil, Santa Thereza... e, em *travesti*, Lorenzaccio, Hamlet, Duque de Reichstadt... *magnifiquement diverse et pareillement magnifique, comparable seulement à elle-même*, como disse Mendés. Ora voluntariosa, patetica, heroica; ora humilde, lirica, divina. Sempre grande e unica, na revolta como na submissão, na alegria como na dôr...

Tudo isso é agora uma galeria de sombras lividas á espera, inutilmente á espera, de uma outra alma animadora...

Oh! pensar que ela desapareceu irremediavelmente e para sempre!... Acabrunhante pensamento...

Euclides Portugal.

Cartas aos Operários

II

Extintas, pois, as antigas corporações das artes e dos officios, surgiram imediatamente os conflitos entre operários e patrões, e o capital começou de ser um inimigo do trabalho, na bôca dos socialistas. Estes nunca perderam o hábito — que chega a ser mania — de desvirtuar a verdade em proveito da causa politico-revolucionaria para a conquista do poder seja por que maneira for. Dizer-lhes que a propriedade é legitima e que o capital como o trabalho devem auxiliar-se mutuamente o mesmo é querer — na opinião dos antigos e modernos sociologos — sujeitar o operario a todas as vaidades do dinheiro, obrigando-o a todos os sacrificios... Mas já hoje, porém, confessam que o capital tem utilidade, mas que este como as propriedades e as industrias devem passar para a posse do Estado para melhor proveito da *sociedade comunista*.

Desta forma e por este processo, creio, seria a derrocada dos trabalhadores e a liquidación final do desenvolvimento das industrias e do comércio locais, portanto de toda a iniciativa particular e colectiva.

Quem há aí dentre todos vós, operários e meus amigos, que não aspire a vir a ser não digo já um

poderoso industrial, mas um remediado patrão com um, dois e mais operarios a trabalhar por sua conta?! Se amanhã, por exemplo, chegasse ao pé de mim, de vós, um capitalista, ou um amigo, que nos reconhecesse aptidões profissionais, nos soubesse honestos, económicos, inimigos abertos do jogo e da taberna, para oferecer-nos o seu auxilio para criarmos um futuro melhor, que faria eu, ou vós?! Diziamos-lhe que não? De maneira nenhuma. Agradecemos-lhe até, a sua generosidade, a sua lembrança.

Permiti que vos diga — é ingénuo ou maldoso aquele que pensa o contrario. Não vemos nós criaturas disfrutarem hoje um viver melhor, sustentar e educar a sua familia? Não ouvimos todos os dias — muitas vezes em segredo — dizer «F. ainda há poucos dias não tinha nada, mas agora, desde que o senhor de tal lhe deu a mão, já parece outro, e a mulher como os filhos já não tem aquele aspecto de doentes...»? Não podeis negar estas verdades porque são de todas as horas, e aqui, na nossa terra, ela está de pé e á vista de toda a gente.

O capital não é, portanto, nem pode ser inimigo do trabalho. Antes, pelo contrario: é o seu braço direito. Sabeis qual é o nosso inimigo principal, o mais terrivel? — O monopólio dum e doutro. «O monopólio — escreveu e propagou aquele que foi um dos grandes Chefes da Igreja Católica — Leão XIII — chamado, com muita justiça, o Pontífice dos Operários — do trabalho e dos papéis de crédito se tornaram o quinhão dum pequeno número de ricos e de opulentos, impondo assim um jugo quasi servil á imensa multidão dos proletários.»

Vosso camarada

Domingos Ribeiro
(Tipógrafo).

Reparos...

Os sêlos

Com tudo se explora nesta desgraçada terra portugueza.

Desta vez coube a sorte aos sêlos comemorativos do «raid». Nas estações telegrafo-postais do paiz apareciam ás meias duzias, não havendo os sêlos suficientes para a venda. Agora já se anunciam *quantidades* a preços mais elevados. E' a exploração em tudo, e até tem *ponposos* reclames e *acérrimos* defensores. Existem 3 ou 4 jornais, republicanos, que defendem com unhas e dentes essa escandalosa negociata porque, segundo afirmam os colecionadores profissionais, esses sêlos valem menos que os bilhetes furados dos carros electricos.

Lá o empenho que eles tem em defender a *coisa* está bem a descoberto. Pois se até se diz que os sêlos estão guardados na casa da moeda!

Tudo isto é uma grande pãdegga, uma refinadissima pãdegga... para se lhe não chamar pelo seu verdadeiro nome.

Os herois

Para se poder apreciar a forma como os poderes publicos se interessam pelos bravos soldados exportados para a França, basta esta significativa amostra:

O bravo alferes Antonio Barnabé, heroi da grande guerra, que sendo cabo foi promovido áquella posto por distincção nos campos da batalha... morreu ha dias tuberculoso e na miseria.

Tinha o peito coberto de medalhas e a familia fica para aí ao abandono.

Mas ha mais ainda. No funeral não se fez representar o ministro da guerra, nem os seus

restos mortais foram cobertos com a bandeira.

E quantos existem por aí vivendo em iguais condições de miséria, emquanto muitos, á custa do heroismo d'esses bravos, cantam de poleiro?

Altos... desinteressados...:::

Realmente não ha gente tam desinteressada como os nossos actuais *grandes estadistas*.

Ora leiam este bocadinho relativo ao *grande Alto*... de Angola, Norton de Matos, o heroi que no dia 5 de Dezembro se *safou* a bordo de um navio inglez:

«O vencimento total do governador geral de Angola, quando não acumule com o cargo de alto commissario, passa a ser de *cincoenta e trez contos e oitocentos mil reis*. O do encarregado do governo, quando o governador estiver ausente da séde do governo, perceberá, *alem dos seus vencimentos como funcionario da colonia, mais dez contos e quinhentos mil reis* para representação e, quando o governador geral estiver ausente na metropole, em lugar dessa quantia, receberá *mais trinta e nove contos*.»

Por aqui se vê o alto desinteresse de certos *Altos*... e *Baixos*, que ora dirigem os nossos destinos, quer no Ultramar... quer na Metropole.

Unicos... e ridiculos!...

A mentira...

Azedam-se certos repúblicos por se classificar de *negocio*, com toda a razão, a nossa participação na Flandres. E como bons entendedores — para isso é que tem geito e são mestres — pretendem misturar *alhos com bugalhos*, lutas contra os holandezes, etc. e tal, como se houvesse alguma analogia entre um *negocio* e uma defesa do patrimonio colonial. Quem conhecer um pouco da nossa historia ultramarina deve saber (embora não seja classificado professor de historia) que uns dos mais terriveis inimigos que desejavam usurpar-nos algumas colonias eram, nem mais nem menos, os holandezes e, portanto, toda a guerra que se lhes fizesse era a bem do interesse nacional. Aconteceu o mesmo com a nossa participação na Flandres? Não. Abandonou-se o territorio portuguez da Africa, porque assim convinha a certos interesses de determinada quadrilha politica.

Organisava-se a expedição á Flandres, quando o soldado de Africa passava as maiores das privações, faltando-lhe tudo absolutamente tudo, para poder defender o nosso territorio.

Por isso o major Ferreira do Amaral na *Mentira da Flandres*... e o *mêdo* exclama com sentida revolta contra a chagueira politica:

... «Eram os selvagens que nos massacravam os referidos soldados, mas quem os *assassinava* eram os poderes publicos, desde o Terreiro do Paço, que não queriam ouvir falar em *aventuras guerreiras de occupação efectiva nas nossas colonias*, até aos governadores do distrito de Huila, que transigiam com tal situação para não perderem... o *penacho*! Assassinos são, pois, todos os que concorreram tão egoístamente para a infame liquidación das vidas de cuja memoria é hoje simbolo no país o Soldado Desconhecido d'África, que está na Batalha.

«Em nome d'esses martyres da cobardia e da vaidade humana, mais uma vez: *assassinatos*! Conheci no Deposito Geral de Degradados, em Loanda, creaturas com menores responsabilidades perante a lei da consciencia humana do que as que tem os autores e cúmplices conscientes de tais crimes. Quem foram os martyres estoicos e sublimes? Como

se chamavam as vítimas desses crimes? Onde se poderão gravar os seus nomes? Em parte nenhuma porque mesmo não convem. As letras seriam douradas, é certo, mas as gotas de sangue que delas escorrerem gota a gota, seriam outras tantas lágrimas acusadoras e vexatorias para os assassinos desses massacrados...

Depois segue-se o libelo acusatorio:

..... «E é depois deste abandono miseravel que se mente ao país clamando aos quatro ventos que era necessario defender as nossas colónias, na Flandres! Que mentira! Que farça! E que irreverencia criminosa! Que o esquecimento caia um dia sobre todos os responsaveis de tanto dislate, porque todo o sangue português perdido fora do seu lugar devido, é puro e sacrosanto de mais para afogar num oceano de maldições tanta vilania».....

Crêmos que basta. Para terminar devemos dizer que os *meninos e moços* souberam sempre cumprir os seus deveres de portugueses e lá marcharam para a Flandres, onde alguns para sempre ficaram e outros vieram conselheiros de condecorações pelos seus heroicos feitos. Já vê o fariseu a *pobresa franciscana* do seu farisaico arrasoado. Se ainda não leu *A Mentira da Flandres* ou esse outro libelo que é a *Tropa de Africa*, para não falar de outros mais, leia-os e depois verá o cuidado que aos *dirigentes intervencionistas* mereceu a nossa defesa colonial.

SS. Coração de Jesus

No templo de N. Sr.ª da Oliveira, celebrou-se, no passado domingo, a festividade ao SS. Coração de Jesus, que esteve muito imponente.

Hotel da Penha

Pelos tribunais, a quem a questão estava affecta, foi restituído á digna Mesa da Irmandade de N. Sr.ª do Carmo da Penha, o edificio onde está instalado o *Grande Hotel*.

Tal restituição constitue um acto da mais elementar justiça, felicitando, pelo triunfo obtido, a Irmandade de N. Sr.ª do Carmo da Penha, especializando, no entanto, os nossos presados amigos srs. Manuel Lopes Martins e Egidio Alvaro Marques, respectivamente secretario e tesoureiro da Mesa, que tem sido de um zelo e de uma dedicação sem limites para dotarem aquele aprazível local de todos os requisitos necessarios a uma estância de repouso.

Consta-nos que se pensa organizar uma empresa para remodelar o actual hotel, tornando-o compatível com as condições de acoço e conforto necessarios a um hotel de turismo.

Segundo nos informam, o nosso presado amigo sr. João Rodrigues Loureiro, e o dedicado benemerito vimaranense, sr. Luiz Antonio Pereira, são os organizadores da referida empresa.

Pugnar pelos interesses da Penha é engrandecer a nossa Terra. Que todos os Vimaranenses prestem o seu auxilio a tam generosas dedicações.

Madre-Deus

Esteve muito concorrida a romaria de N. Sr.ª da Madre-Deus de Fora, realisada no preterito domingo.

Orfeon de Guimarães

Na sede da Juventude Catolica, recommencaram os ensaios deste excelente grupo coral, que muito honra a nossa terra.

Luiz Antonio Pereira

Este dedicado vimaranense, benemerito das nossas casas de caridade, organizou em Lisboa, no Teatro Politeama, de que é mui digno director, um espectáculo em beneficio de varias colectividades e beneficencia vimaranenses, cujo producto liquido foi de 1:370\$000, tendo S. Ex.ª contribuido com 3:630\$000, que perfaz a quantia de 5:000\$000 cuja distribuição foi a seguinte:

Penha, dois contos; Santa Casa da Misericordia, um conto; V. O. T. de S. Francisco, quinhentos mil reis; Asilo do Campo da Feira, quinhentos mil reis; Asilo de Santa Estefania, quinhentos mil reis; Oficina de S. José, quinhentos mil reis.

Bem haja S. Ex.ª por ter proporcionado, na crise terrível que atravessam as casas de caridade, um tão valioso auxilio aos nossos pobresinhos, sendo justo salientar a dadiua para melhoramentos na nossa linda estância da Penha, que, para progredir, necessita do auxilio e da dedicação de todos os vimaranenses.

Poetas & Prosadores

Recolhimento do Arcanjo S. Miguel (As Beatas do Chapéu) — Por EDUARDO D'ALMEIDA

Como homenagem da Sociedade Martins Sarmiento recebemos uma monografia de investigação cuidada e interessante, da autoria do digno presidente daquela instituição de ensino o Sr. Dr. Eduardo d'Almeida.

O «Recolhimento do Arcanjo S. Miguel» é um livro de documentação muito importante e de muita utilidade, para quem se dedique a estudos de velharias respeitantes á história do velho burgo de Guimarães. Trabalhos assim de elevado valor e de vantajosa consulta, ficam sempre e sempre marcam pelo fim que atingem e pelas indicações que revelam.

Depois de Martins Sarmiento, Abade de Tagilde, Albano Belino e João de Meira, ninguém mais escreveu monografias de elucidação e estudo respeitantes á terra de Guimarães. Aparece agora um nome a revelar-se brilhantemente nesses estudos de antiguidades, e esse nome attingiu desde já, com as «Beatas do Chapéu», um lugar de destaque e de merecido louvor. É uma monografia completa, a do sr. Dr. Eduardo d'Almeida, e amplamente elucidativa sobre a vida daquele modesto recolhimento que pousava ali, modestamente, no largo recolhido de S. Paio.

A sua Ex.ª e á Sociedade Martins Sarmiento o nosso agradecimento pelo exemplar oferecido. São merecidas as palavras de referencia ao livro do sr. Dr. Eduardo d'Almeida que veem no «Jornal de Noticias» de 31 de Março, e que por serem merecidas entendemos transcreve-las:

Recolhimento do Arcanjo S. Miguel — «A Sociedade Martins Sarmiento, aquela corporação de eruditos e investigadores, que tem a sua sede em Guimarães, acaba de publicar uma brochura com aquele titulo a qual se refere ao Recolhimento do Arcanjo S. Miguel (As Beatas do Chapéu).

É autor do importante documento que só honra aquela Sociedade, o illustre escritor Eduardo d'Almeida que enriqueceu o livro com notas e citações que muito revelam a superioridade do seu espirito investigador e as suas qualidades de humanista profundo.

A esplendida brochura que temos presente serviu de prémio em 9 de Março corrente aos alunos mais distintos das escolas primarias do concelho de Guimarães, prémio oferecido pela Sociedade Martins Sarmiento.

Tratando-se duma obra que muito contribue para a historia da importante e tradicionalista cidade do Minho, aquela sociedade amando a terra onde vive não podia ter escolhido melhor incentivo para as crianças do concelho.

Agradecendo os exemplares oferecidos, saudamos os promotores e executores da bela documentação».

S. CRISTOVÃO

Na Lenda e no Sonho

A Lenda é a fantasia do que foi;
O Sonho é a fantasia do que ha-de ser.

(CONCLUSÃO)

Mas, mais ainda que o esbrazeado do crepusculo, era rubra a seára dos «Jacques» que a morte ceifára nesse dia. No sopé de um outeiro, o grande corpo de Cristovão era como um grande Monte de onde rios de sangue brotavam de sacrificio e de resgate, e, quando a noite caiu, a lua coava-se pela frança quieta dos pinheiros como a través da escumilha negra de um crepe de viuva.

Os «Jacques» estavam mortos, mas para Cristovão não haviam acabado ainda os duros trabalhos. A noite descera fria e triste, e o seu espirito, do torpôr em que jazia, abria-se muito para além da morte em proféticos sonhos de novas marchas e novas «Jacqueries».

E via-os tombar de novo na morte, chacinados, pisados pelas patas de grandes esquadres, e de novo os via erguer mais numerosos e disciplinados e fortes para outra vez baquearem, vencidos pelas armas de outros senhores. Mas já era maior a dificuldade em os aniquilar; esmagados hoje, logo se levantavam mais unidos e bastos enquanto os homens darmas enfraqueciam sua resistencia, até que a jornada última chegava quando finalmente era vencido o último cavaleiro e a Terra era toda dos «Jacques» porque os «Jacques» eram da Terra.

E sobre a Terra de todos um alto cantico de glória se erguia até Deus do peito agradecido dos homens. Assim pensava Cristovão no delirio de dores que o retinham prostrado entre os altos pinheiros ramalhudos por onde os raios pallidos da lua se filtravam brandamente.

Paraceu-lhe então que um moco — pela madrugada que rompia clara e fresca — de loiros cabelos e tunica branca que esvoaçava á brisa perfumada, lhe curava as brechas profundas das lançadas só com a aposição de suas luminosas mãos no linho alvo e luminoso das ligaduras que rasgára do seu alvo manto. Cristovão, acordando, estirou os braços, esticou as pernas, ergueu o arcaboço colossal e, amparando-se ao tronco de um pinheiro, poz-se de pé, sem uma beliscadura e nem a mais leve cicatriz.

«E, sentindo uma força nova, aquele bom gigante cortou a través do pinheiral e recommencou a correr o mundo.»

Foi ainda, durante dilatados anos, sempre mais amoroso e servil, e mais mal agradecido. De tanto que trabalhou nunca recebeu salário. As moedas ou o pão que lhe davam ele as repartia pelos pobres de cada vez mais numerosos e famintos; uma côdea negra e um pouco de agua limpida e fresca bastavam ao sustento daquele enorme corpo que se humilhava ás injurias e humildemente seguia arrimado ao seu bordão quando o espancavam ou o despediam com maus modos.

Seus passos pesados e lentos

o conduziram um dia á beira dum largo rio que seguia veloz, entre ribas negras de granito, espumante e bramidôr.

A grande cheia daquele inverno derrubára com fragôr a ponte romana velha de mil anos, e ali estava um grupo de mercadôres com suas bestas carregadas sem poderem atravessar aquele rio de facil passagem noutros tempos.

De bom grado Cristovão os foi passando para a outra margem e em pouco tempo homens e cargas e animais recommencavam do outro lado sua interrompia viagem.

Ali se quedou Cristovão até ao resto dos seus dias e rápidamente envelhecia naquele duro serviço de carregar nos braços ou aos hombros frades e pastores, gados e homens de armas, pipas bojudas e cargas de almoçreves. Ele era já como um alto moirão envelhecido na agua — suas pernas e braços haviam adquirido, como as pedras das arribas, um limo esverdeado e lodôso.

Uma noite de furiosa tempestade em que o velho gigante repousava na sua desabrigada cabana, uma vozinha angelical e triste chamou de fóra pelo seu nome.

Gemendo se ergueu Cristovão e ao deparar á chuva e ao vento

com uma creancinha tiritando de frio, seu grande coração se comoveu de dôr e seus olhos se arrazarm de muitas lágrimas. O menino pediu a Cristovão que o levasse á outra margem, onde ficava a casa de seu Pai, e o bom gigante, ao tomar o pequenino em seus braços amorosos, sentiu que era o próprio Mundo que êle ia transportar através as aguas revoltas do rio. Por vezes ele fraquejava, mas era mais forte a sua vontade quando as ondas lhe cuspiam nas barbas sua baba gelada e as arestas vivas das pedras lhe rasgavam os pés. — «Oh! meu menino, meu menino, onde é a casa de teu Pai?» E o menino encostava docemente sua carinha triste ás barbas grisalhas do gigante e, apontando com o dedinho o alvôr rosado que sobre o monte já espancava as sombras e o temporal, respondia vago: — «Mais longe, «Cristovão» mais longe» Mais longe! Tão longe que o humilde gigante fez pela última vez a sua jornada na Terra. Tão longe que essa última dolorosa caminhada o conduziu ao Ceu pela mãosinh do menino Jesus que ao seio de Deus o arrebatou, ninbado de santidade, mal o sol ergueu por sobre um monte de oliveiras os vermelhos clãres de uma Nova-Aurora!

Cesar A. d'Oliveira.

Carpintaria Vimaranense

A MAIS ECONOMICA

RUA ELIAS GARCIA (Casa do Arco)

Guimarães

Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil, com segurança e rapidez.

ACABA DE APARECER

O Pensamento Integralista

::: SEUS FUNDAMENTOS :::
: HISTORICO-SCIENTIFICOS :
: RAZÃO & OPORTUNIDADE :
DO SEU OBJECTIVO SOCIAL
::: & POLITICO ::: :

POR

FERNÃO DA VIDE

PREÇO 3\$00 — Para a provincia mais \$50

Pedidos á Administração da Nação Portuguesa — Largo do Directorio, 8-3.º — LISBOA.

**Vinhos, Licores,
Aguas Minerais,
Produtos alimentícios
de marca,
Farmaceuticos
e Perfumarias**

Casa em Lisboa e Porto, dispondo de largos meios de propaganda, oferece-se para Depositária Geral.

Carta a este jornal.

FRATERNIDADE

COMPANHIA DE SEGUROS

Agente em Guimarães:

Domíngos Ferreira de Oliveira Guimarães

RUA DE PAIO GALVÃO, 88

ARTIGOS RELIGIOSOS

IMPORTADOS DIRECTAMENTE DA

ALLEMANHA E FRANÇA

VENDEM:

A. D. Marques, Limitada

RUA DO OURO 200-4.º

LISBOA

A TENTADORA

Bernardino Almeida & Costa, L.^{da}

FAZENDAS BRANCAS, MODAS E MIUDEZAS

ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES

CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122-A

SEMPRE AS MAIORES NOVIDADES

EXPOSIÇÕES PERMANENTES

GUIMARÃES

A CONFIANÇA

MERCEARIA, CONFETTARIA E PAPELARIA

Especialidade em CHÁ E CAFÉ

VINHOS FINOS, LICORES E CHAMPAGNES

Depositarios das Aguas Bom-Jesus

Ferreira & Martins, L.^{da}

86—RUA PAIO GALVÃO—88

GUIMARÃES

Materiais para construção

Deposito de cal, cimento, tintas, vernizes e artigos concernentes para pintor e caiador. A casa que mais barato vende

Amandio Teixeira de Carvalho — RUA DE SAMPAIO

Cartilha Monarquica

Cartilha do Operario

PREÇO DE CADA 400 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

AO PUBLICO

Recomendamos os finissimos licores, xaropes, conhaques, genebras, o finissimo aniz cristalizado e o Ponche integral Dom Nuno fabricados com esmero por Alfredo de Oliveira

Vila da Feira

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao fabricante ou aos seus representantes:

No Porto:

OLIVEIRA & MACHADO

R. de Passos Manuel, 71

— E A —

PEROLA DO BOLHÃO

Rua Formosa

Em Espinho:

CADILON & C.^a L.^{da}

181, Avenida, 8, 203

Na Beira Baixa:

JOSÉ VICENTE

ALFERRAREDE

LEIAM A Nação Portuguesa

REVISTA MENSAL DE CULTURA NACIONALISTA

Director: **DR. ANTONIO SARDINHA**

Redacção e administração:

Largo do Directorio, 8 - 3.º — LISBOA

GIL VICENTE

GIL VICENTE

Ano IV N.º 137

2.ª Série N. 14

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal

Ano	7\$500 reis
Espanha	9\$500 >
Africa	10\$500 >
Brazil	12\$500 >
Numero avulso	150 >

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

(Pagamento adiantado)

Anuncios e comunicados, linha	200 reis
Repetições, por linha	100 >
Permanentes, contracto convencional	
Reclames, no corpo do jornal, até 5	
linhas, cada um	1\$500 >
Anunciam-se as publicações que o mereçam,	
mediante dois exemplares gratis.	
Anuncios, não judiciais, para os srs. assinan-	
tes, 20 por cento de abatimento.	

Ex. Sr.